

EDITORIAL

Os Cadernos de História PUC Minas compõem uma publicação semestral que alterna temáticas livres e dossiês mantendo sempre a fidelidade aos propósitos de interdisciplinaridade e divulgação do conhecimento acadêmico.

O presente número, concebido dentro da primeira modalidade, se inicia com dois artigos sobre o tema da memória: o primeiro, “Memória e Interdiscurso no Urbanismo”, de Raquel Manna Julião, discute, à luz da noção de interdiscurso, a história do urbanismo, a partir do exame de textos produzidos em três momentos distintos, que perpassam a gênese do pensamento urbanístico (século XVI), o pré-urbanismo (século XIX) e as teorias do urbanismo (século XX). O segundo, “Centro de Memória e Informação do Esporte: uma política de preservação da memória do esporte mineiro”, de Marilita Aparecida Arantes Rodrigues, analisa uma questão que adquire cada vez mais relevância: a constituição dos centros de memória como lugar de preservação, pesquisa, comunicação, produção e reprodução de conhecimento histórico, tendo como foco o relato da experiência do Centro de Memória e Informação do Esporte (CEMIE), criado na Secretaria de Estado de Esportes e da Juventude de Minas Gerais (SEEJ).

O terceiro artigo, “A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos”, consiste em mais uma publicação do especialista na área da teoria da História, José D’Assunção Barros. Seu objetivo é tecer algumas considerações visando às alternativas conceituais oferecidas por algumas correntes da nova História Cultural, como “práticas”, “representações”, “ideologia”, “imaginário” e “Cultura Política”.

O quarto e quinto artigos, no âmbito das relações entre História Cultural e História Política, dedicam-se ao estudo de um dos grandes expoentes da inteligência nacional, Celso Furtado, em uma perspectiva que extrapola o campo socioeconômico, mais usual, para salientar o peso dos aspectos políticos na análise do autor sobre a cultura brasileira. Temos, assim, e respectivamente, “Celso Furtado: o dilema do subdesenvolvimento e o fator político na formação nacional”, de Adenilson Ferreira Souza, e “O pensamento de Celso Furtado e a construção de um projeto nacional” de Carlos Evangelista Veriano e Rafael Pacheco Mourão.

Os demais podem ser vistos como estudos de microhistória, em torno de dois espaços geohistóricos particulares e distintos, mas unidos por laços culturais e, ainda, marginais, no âmbito da tradição ibero-atlântica. O sexto artigo, “Do outro lado da linha

do trem: história e intervenções no bairro Lagoinha”, de Cíntia Mirlene Pela Freire, analisa, a partir da história do bairro, suas transformações e dinâmicas, sua situação de isolamento, advinda de fatores endógenos, acrescidos das dificuldades provocadas pelas intervenções urbanas. O sétimo, “Olhares portugueses sobre o Magrebe: mitos e realidades”, do historiador português Jorge Afonso, percorre, corajosamente, um caminho de investigação ainda precário, examinando fontes dos séculos XVIII, XIX e XX, identifica e problematiza uma leitura estereotipada sobre o Islão magrebino, vigente em Portugal, a despeito de sua importância para a saúde estratégica do Estado, em dado momento.

Finalizando, o trabalho de tradução do texto de Anne Cova, “História da Maternidade: em que ponto estamos?”, por Frederico Assis Cardoso e Marina Alves Amorim, focaliza a produção historiográfica sobre maternidade, desenvolvida especialmente na França, por uma vertente interdisciplinar que se articula, sobretudo, à sociologia e à ciência política. Além do campo da história das mulheres e dos estudos de gênero, que justificariam amplamente a sua tradução do francês para o português e a sua publicação no Brasil, acreditamos que ele possa, ainda, contribuir para o campo crescente de investigação sobre a história da família, em diferentes áreas da pesquisa nas ciências humanas e sociais.

Prof.^a Dr.^a Heloisa Guaracy Machado

Editora-gerente dos *Cadernos de História PUC Minas*